

# **Santa Fé e seus habitantes: identidade e fotografia**

*Joubert Paulo Teixeira\* e Equipe DIGIFOTO\*\**

## **Resumo**

Utilizando principalmente conjuntos fotográficos, além de relatos orais, discutimos, no presente artigo, a questão da formação da identidade dos primeiros moradores de Santa Fé. Enfocando a cidade de Santa Fé, discutimos a questão da construção simbólica da sociedade em que se vive, bem como algumas implicações desse meio. Percebemos a criação/ênfase de certas representações na cidade e a ligação entre as memórias pessoais e políticas, que tenderam a distanciar-se com o passar dos anos.

**Palavras-chave:** Fotografia, História regional brasileira, Identidade local

Em Santa Fé (cidade do noroeste paranaense) encontramos a fotografia como forma de propaganda, desde o início da colonização (1948-1955). A incorporação de terras era mediada pela imobiliária Carezzato e França, que visava atrair compradores de lotes para a região, enfatizando determinados aspectos como a fertilidade do solo, segurança, progresso e religiosidade. Mesmo depois desse período, entre as décadas de 1950 e 2000, com administrações municipais preocupadas em dar visibilidade as suas gestões, encontramos a fotografia como técnica muito utilizada, além da conservação de documentos fotográficos produzidos pela imobiliária para legitimar sua posição de governo e “luta pelo progresso”.

Há uma gama significativa de documentos fotográficos — em uma prospecção panorâmica em apenas dezesseis instituições, foram mapeadas atualmente mais de quinze mil fotografias, tanto em papel fotográfico, quanto em publicações da imprensa, para uma cidade de cerca de dez mil habitantes — com grande relevância para pesquisa. Junto às funções que os geraram percebemos a criação/ênfase de certas representações sobre a cidade, que influenciaram aspectos desta, e vice-versa, ao lado da construção de memórias pessoais e políticas, que tenderam a distanciar-se com o passar dos anos. O presente artigo, enfoca a formação de identidade em Santa Fé, resume parte dos resultados de pesquisa PIBIC/CNPq-UEM, em parceria com o projeto DIGIFOTO/CNPq, que busca mapear e digitalizar conjuntos fotográficos da região de Maringá. Somente algumas questões são indicadas no presente texto.

Quanto à identidade, pode-se dizer que ela está relacionada tanto ao indivíduo quanto à relação deste com a sociedade. Apesar de mutável, através do tempo, essa identidade

conforma-se a partir de experiências reais e significativas. Ela, identidade, enquanto sentimento de pertencimento é simbólica e abstrata, mas é originária de vivências, experiências e afetos concretos<sup>1</sup>

É justamente isso que os “pioneiros” parecem afirmar, uma sociabilidade que se torna, supostamente, fraternal à medida da convivência num mesmo local, como diz a senhora Lazineira Brambilla:

Todas as famílias se ajuntavam para fazer aquela festança, era uma alegria para todos os preparativos da festa [...] os mais moços brincavam de casamento espanhol, e as pessoas mais velhas contavam casos ao pé da fogueira, coisas como estas infelizmente já não se vê mais hoje em dia.<sup>2</sup>

Uma identidade construída a partir do diferente, que se torna igual à medida da convivência e criação de representações comuns a todo o grupo social. Em outro relato, do senhor Manuel Esteves, aparece a mesma concepção:

Foi a época mais feliz da minha vida, quando havia festa de casamento na cidade todo mundo era convidado.[...] As pessoas eram bastante servideiras, ninguém negava favores a ninguém.<sup>3</sup>

Podemos ver em diferentes conjuntos mapeados a recorrência de positivos fotográficos construídos a partir de elementos que abordam a coletividade, o todo social santafeense conjugado com seu ambiente, ficando evidente que o espaço público possui uma grande importância na construção de representações em comum.

Esses relatos reforçam também uma quase oposição entre o tempo vivido por eles de forma mais intensa, quando os rumos da cidade supostamente estavam em suas mãos, com o tempo atual, em que sua voz não é mais ativa. Segundo seus relatos, naquela época o governo do núcleo urbano se confundia com seus moradores; hoje há uma distinção entre quem governa e quem é somente morador. Esses relatos trazem uma concepção mítica de união.

Como vemos nos relatos e nos positivos fotográficos, a história individual ganha sentido na medida em que ocorre a inserção do indivíduo na coletividade. Ele se constrói como cidadão ao relacionar

sua vida pessoal com a da coletividade. Vê-se em Santa Fé a construção de certos símbolos míticos: união, luta pelo progresso, coragem dos primeiros moradores, religiosidade. Estes símbolos são apropriados por determinados grupos para identificá-los com a própria cidade. Em outras palavras, quem se apropria, hoje, desses conceitos, apesar da mutabilidade destes, busca ser reconhecido pelos demais membros da sociedade, com os mesmos valores míticos, positivos, atribuídos aos pioneiros. Assim, sua ação política atual é legitimada pelo passado mítico daqueles que, em tese, no imaginário santafeense, lutaram um dia pelos valores de progresso e união da cidade. A oposição entre os valores coletivos anteriores e atuais é justamente a forma pela qual a identidade dos pioneiros se afirma e é reafirmada através do tempo.

A 'mania de comparação' é uma forma de confrontar as particularidades de uma identidade com as características gerais de outras identidades, tidas como diferentes.<sup>4</sup>

Essa confrontação sempre se dá através de uma hierarquia de valores: o nosso é sempre melhor que o dos outros. Poderíamos pensar em uma aproximação com o termo etnocentrismo. Everardo Rocha<sup>5</sup>, ao longo de sua obra, o define como uma visão do mundo, na qual se erigem como valores universais os valores próprios à sociedade a que pertencem, ou seja, crê-se que os valores são absolutos. No caso de Santa Fé, busca-se a conciliação entre os valores antigos, dos pioneiros e outros moradores dos primeiros tempos, com os valores atuais; os valores antigos são colocados em confronto com novas realidades e reajustados de acordo com ela, como bem apontado por Sahlins<sup>6</sup>. Deste modo, as instituições atuais constroem a sua imagem através de valores que, apesar de serem recorrentes entre os pioneiros, têm um novo significado nos dias atuais.

Concorre para tanto a concretude do ambiente, ou seja, o território que fornece uma existência real à identidade. A identidade da coletividade com a cidade só ganha corpo através da existência

física desta. As imagens dos diferentes conjuntos mapeados, para além das atividades das instituições posicionadas de determinada forma na cidade, trazem uma visão que essas instituições tem sobre a cidade e sobre si mesmas. A cidade torna possível a existência, mas a existência leva a conceber formas para a cidade. Pois, além de proporcionar segurança, a necessidade de reconhecer o ambiente é crucial para a orientação e a ação, tendo importância emocional para o indivíduo.

Ao mesmo tempo que a cidade torna possível a existência de seus habitantes, como cidadãos, a identidade do núcleo colonizador leva a uma concepção de cidade que não se distingue dos seus moradores; a cidade é composta por seus moradores. Concebe-se que, ao mesmo tempo que os indivíduos não podem viver bem fora dessa cidade, esta não pode existir sem seus moradores, unidos, é claro, como é recorrente nos mitos fundadores. Essa concepção foi sendo redefinida com o tempo, dando lugar a concepção de um poder político separado<sup>7</sup>; hoje essa “união” só existe nos contos dos colonizadores. Da mesma forma que Chauí<sup>8</sup> vê o surgimento e posterior separação do Estado nas sociedades, também observamos em Santa Fé o processo pelo qual o poder político nasce no interior da sociedade e dela se destaca, pairando acima. Há que ressaltar que, em períodos de eleições a cidade se divide em torno dos partidos e candidatos a prefeito, ou se é de um partido, ou se é de outro. Não há mais população e governo, há partidários e candidatos.

Warney Smith<sup>9</sup>, se apoiando em vários autores, defende a identidade local como um conjunto de relações sociais mediadas pela conscientização de pertencimento a uma localidade, definida pelas relações cotidianas e fundamentada em representações simbólicas. Coloca ainda que essa construção de identidade local se dá ao longo da construção da própria vida em comunidade.

Essa construção de representações identitárias, como aponta Bourdieu<sup>10</sup>, vem de um discurso que visa impor, como legítima, uma visão social a todo o grupo, tornando-a consensual e ao mesmo tempo tornando visível o grupo social em meio a outros grupos e

outras visões. Essa construção terá sucesso conforme a força do grupo que a constrói. Retomando Sahlins, em “Ilhas de História”<sup>11</sup>, colocamos que essa visão sempre entrará em risco historicamente, quando utilizada para interpretar o todo social, sendo reelaborada na medida de novos fenômenos; é o que efetivamente ocorre no caso santafeense, como apuramos no mapeamento de acervos fotográficos realizado e no levantamento de materiais.

A construção dessas representações perpassa pela construção de espaços públicos, pontos de contato entre as pessoas, em que a vida ocorre em coexistência e onde vivem realmente em conjunto. Constroem, por assim dizer, uma “cidadania santafeense”, na medida em que há um fortalecimento das relações interfamiliares ou ainda uma repulsão entre alguns núcleos. Alguns desses espaços públicos em que se constroem identidades é a Igreja e sua praça, com toda a sua força para o pensamento religioso e organização da cidade, os salões de festas, o campo de futebol, etc. Criam-s, assim, na cidade, pontos de atração de moradores e, com o crescimento dela, também de repulsão de alguns grupos.

Nas representações criadas pelos moradores desses primeiros tempos da cidade, podemos ver nos relatos a exaltação da beleza da região naqueles tempos, uma visão quase idílica, e dos laços de união entre os moradores, como o relato do senhor Paulo Antonio de Oliveira:

A casa que construí para mim, continha muitos quartos, de modo que por muito tempo minha casa funcionou como hotel, nos rendendo um dinheirinho extra para o enxoval das meninas, mas eu só cobrava de quem pudesse pagar, eu nunca deixei ninguém dormir ao relento, fosse quem fosse. A beleza natural de Santa Fé naquela época era de uma beleza que dava gosto, durante muito tempo nós comemos do palmito nativo de nossa terra.<sup>12</sup>

Os primeiros moradores colocam a primitiva como um lugar seguro, onde não havia violência, todos eram como uma grande família, como diz a senhora Lazinha Brambilla:

Praticamente não havia necessidade de policiamento em nossa cidade naquela época, não era como hoje que a maioria das pessoas vivem se pegando pelo mínimo motivo, naquela época não, éramos de todos os lugares do Brasil, e a gente procurava não criar conflitos entre a gente, aprendemos a nos respeitar uns aos outros.<sup>13</sup>

Esse testemunho opõe, simbolicamente, o tempo atual, de individualismo, ao tempo passado, de segurança e união, manifestando um certo saudosismo, além de demonstrar a heterogeneidade dos moradores da cidade vindos de todos os lugares do Brasil. É certo, como relatado em outras passagens e documentos, que houve conflitos, mas parece que isso não prejudicou, no nível simbólico, a construção de uma imagem de bravura, honestidade e união dos primeiros moradores, suportando privações para construir um novo lugar para morar.

Como verificamos nos vários conjuntos que contêm positivos da época da colonização podemos ver uma preocupação em criar uma boa imagem da cidade – os eventos dos primeiros tempos foram tanto filmados quanto fotografados –, não só o filme, mas também positivos foram usados para atrair compradores para as terras. Hoje, esse material é conservado para legitimar a posição de grupos dominantes, que, supostamente, identificam-se com os valores dos pioneiros e com a “boa cidade”.

Quanto à propaganda, praticamente todos os eventos de 1948 a 1950 foram fotografados e filmados para esse fim, tendo, aparentemente, surtido efeito. Das 20 casas existentes em 1948, a cidade aumentou para 70 em 1950 e, em 1956, o município já contava com 11.269 habitantes, mais até do que 1988, quando possuía 9.000, segundo levantamento realizado pela prefeitura.

Contudo, a vinda de tantas pessoas não foi sem problemas; muitos sem dinheiro para comprar terras e desejando ficar no local ou ainda para aumentar suas terras, recorreram à posse, como alternativa à compra, como relata Paulo Antonio de Oliveira:

No início estava uma confusão de terras que só vendo, se um proprietário comprasse terras e fosse embora resolver negócios, quando voltasse corria o risco de encontrar posseiros em suas terras, era uma confusão dos diabos.<sup>14</sup>

É certo que, como disse o depoente, isso era um risco e não uma regra geral, pois em entrevistas, como por exemplo a do senhor Manuel Esteves, presente no mesmo trabalho, ele diz que após a compra de seu lote em primeiro de maio de 1949, retornou a Tupã, onde morava e só voltou definitivamente a Santa Fé em nove de novembro de 1949, não encontrando problemas para trabalhar. É interessante notar que esse mesmo senhor diz que ficou em dúvida entre comprar um lote na região de Santa Fé ou na região de Maringá, pois em ambos não havia quase nada. O corretor o convenceu a comprar em Santa Fé, dizendo que Maringá não daria em nada. Hoje a cidade de Maringá conta com aproximadamente 300 mil habitantes, enquanto que Santa Fé possui 10 mil.

Voltando à questão de terras, às vezes a desordem podia ser oficializada em meio ao sucesso e possibilidade de cada vez mais lucros, como diz o senhor Manoel Fernandes:

No início quando o Luiz Zapparoli passou a firma nas mãos de seu genro Lupércio Carezzato e seu amigo Militão Bento França, até que as coisas iam bem, mas depois de um certo tempo começaram a relaxar, chegaram até mesmo a vender uma só propriedade para mais de dois compradores.<sup>15</sup>

Mas antes que isso começasse a acontecer, o sucesso em venda de lotes foi grande, como podemos notar nas fotografias: um crescimento acelerado de construção de uma cidade em meio a mata; surgimento de várias atividades e a vinda de várias pessoas<sup>16</sup> que ao se relacionarem entre si, criaram, pouco a pouco, o que se pode chamar de “sociedade santafeense”. Entretanto, não pudemos apurar ainda em que medida esse sucesso de vendas foi bom para



os moradores que chegavam ou para a imobiliária que vendia. Além de novos moradores vindos de outros lugares do Brasil, encontramos ainda referências a estrangeiros, como italianos e japoneses, que vieram tanto de seus próprios países como de outros lugares do Brasil, onde há pouco haviam se estabelecido.

Além das questões abordadas aqui, a nossa pesquisa busca contribuir com o projeto DIGIFOTO/CNPq, fornecendo material para que também se possa mapear e digitalizar conjuntos fotográficos da cidade de Santa Fé, disponibilizando para futuros pesquisadores instrumentos de pesquisa em forma de banco de dados, com reproduções das fotografias, para que novos resultados sejam obtidos. Os parâmetros de contextualização fornecidos pelos objetivos do projeto oferecerão aos demais pesquisadores desses dados embasamento suficiente para um olhar analítico sólido. Assim, ao mesmo tempo que avançamos na discussão sobre a identidade santafeense, estamos alimentando a base de dados do DIGIFOTO/CNPq, criando importante material de pesquisa para outros pesquisadores.

## Notas

<sup>†</sup> Graduando do 4º Ano do curso de História. Bolsista CNPq-UEM/DHI 2003-2004 e 2004-2005. Aluno pesquisador do projeto DIGIFOTO/CNPq desde 01/08/2003.

<sup>\*\*</sup> Projeto "Digitalização de fotografias de Maringá e região", financiado pelo CNPq e desenvolvido junto aos departamentos de Ciência de Informação e Documentação (CID-UnB) e de História (DHI-UEM). Texto elaborado por Joubert Paulo Teixeira (acadêmico de História/UEM e bolsista PIBIC CNPq/UEM), André Porto Ancona Lopez (professor do CID-UnB coordenador do DIGIFOTO, orientador do PIBIC até jan/2005), Angelo Aparecido Priori (professor do DHI-UEM e orientador do PIBIC).

<sup>1</sup> WASSERMAN, Claudia. Identidade: conceito, teoria e história. In: *Ágora*. Santa Cruz do Sul, v.07, n.02, p.7-19, julho/dezembro, 2001. p. 09.

<sup>2</sup> Entrevista da senhora Lazinha de O. Brambilla. In: MACEDO, Sérgio. Alguns pontos da história de nossa terra. Santa Fé. snt (dissertação).

<sup>3</sup> Entrevista do senhor Manuel Esteves. In: MACEDO, Sérgio. Alguns pontos da história de nossa terra. Santa Fé. snt (dissertação).

<sup>4</sup> WASSERMAN, Claudia. Identidade: conceito, teoria e história. In: *Ágora*. Santa Cruz do Sul, v.07, n.02, p.7-19, julho/dezembro, 2001. p. 13.

<sup>5</sup> SAHLINS, Marshall. *Ilhas de História*. Trad. Barbara Sette. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1981. (Coleção Contemporânea). p. 20.

<sup>6</sup> CHAUI, Marilena de Sousa. *Cultura e democracia: o discurso competente e outras falas*. 2ª ed. São Paulo: Moderna, 1981. (Coleção Contemporânea). p. 20.

<sup>8</sup> SMITH, Warney. *Barão Geraldo: história e identidade local*. In: *Ágora*. Santa Cruz do Sul, v.07, n.02, p.133-155, julho/dezembro, 2001.

<sup>9</sup> BORDIEU, Pierre. O poder simbólico. São Paulo: Cortez, 1989.

<sup>10</sup> SAHLINS, Marshall. Ilhas de História. Trad. Barbara Sette. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1990. p. 7-21 e p. 172-194.

<sup>11</sup> Entrevista do senhor Paulo Antonio de Oliveira. In: MACEDO, Sérgio. Alguns pontos da história de nossa terra. Santa Fé. snt (dissertação).

<sup>12</sup> Entrevista da senhora Lazineira de O. Brambilla. In: MACEDO, Sérgio. Alguns pontos da história de nossa terra. Santa Fé. snt (dissertação).

<sup>13</sup> Entrevista do senhor Paulo Antonio de Oliveira. In: MACEDO, Sérgio. Alguns pontos da história de nossa terra. Santa Fé. snt (dissertação).

<sup>14</sup> Entrevista do senhor Manoel Fernandes. In: MACEDO, Sérgio. Alguns pontos da história de nossa terra. Santa Fé. snt (dissertação).

<sup>15</sup>Revista do Café. Snt. [1952].

## Referências bibliográficas

BORDIEU, Pierre. **O poder simbólico**. São Paulo: Cortez, 1989.

CHAUÍ, Marilena de Sousa. **Cultura e democracia: o discurso competente e outras falas**. 2ª ed. São Paulo: Moderna, 1981. (Coleção Contemporânea).

Entrevista da senhora Lazineira de O. Brambilla. In: MACEDO, Sérgio. **Alguns pontos da história de nossa terra**. Santa Fé. snt (dissertação).

Entrevista do senhor Manoel Fernandes. In: MACEDO, Sérgio. **Alguns pontos da história de nossa terra**. Santa Fé. snt (dissertação).

Entrevista do senhor Manuel Esteves. In: MACEDO, Sérgio. **Alguns pontos da história de nossa terra**. Fé. snt (dissertação).

Entrevista do senhor Paulo Antonio de Oliveira. In: MACEDO, Sérgio. **Alguns pontos da história de nossa terra**. Santa Fé. snt (dissertação).

ROCHA, Everardo. **O que é etnocentrismo**. São Paulo: Brasiliense, 1985.

SAHLINS, Marshall. **Ilhas de História**. Trad. Barbara Sette. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1990.

SMITH, Warney. Barão Geraldo: história e identidade local. In: **Ágora**. Santa Cruz do Sul, v.07, n.02, p.133-155, julho/dezembro, 2001.

WASSERMAN, Claudia. Identidade: conceito, teoria e história. In: **Ágora**. Santa Cruz do Sul, v.07, n.02, p.7-19, julho/dezembro, 2001.

## **Abstract**

Using mainly photographic documents, as well as oral reports, we discuss in the present article the formation of Santa Fé's first resident's identity. Focusing on Santa Fé City, we discussed the issue of social symbolic construction where people live, as well as some implications in this urban environment. We noticed the creation/emphasis of certain representations in the city and their connection among personal and political memoirs that tended to vanish with the years.

**Keywords:** Brazilian Regional History, Local identity, Photography